

NEM MONGE / OVNHCXƏ WƏN

JESUS: UM MODELO DE ESPIRITUALIDADE INVERTIDA

PAUL FRESTON

NEM MONGE / OLITUCAXƏ WƏN

JESUS: UM MODELO DE ESPiritUALIDADE INVERTIDA

ultimato 

VIÇOSA|MG

Copyright © Paul Freston 2011

Primeira edição: Julho de 2011
Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro
Preparação: Paula Mazzini Mendes
Revisão: Mariana Furst
Diagramação: Bruno Menezes
Capa: Souto Crescimento de Marca

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

F887n Freston, Paul, 1952-
2011 Nem monge nem executivo / Paul Freston. — 1. ed. — Viçosa, MG :
Ultimato, 2011.
136p.; 21cm.
ISBN 978-85-7779-048-7
1. Meditações. 2. Jesus Cristo - Paixão - Meditações. I. Título.

CDD 22. ed. 242

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA.
Caixa postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557
www.ultimato.com.br



A marca FSC é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.



SUMÁRIO

Apresentação	7
1. Deus pede licença	9
2. Nos lugares mais inesperados	11
3. Quando mostrar e quando esconder	14
4. Anônimos que fazem a história	18
5. Ninguém escolhe onde vai nascer; Jesus escolheu	22
6. Não perca Jesus de vista	25
7. Por que esperar tanto tempo para começar?	28
8. Não sou como você gostaria que eu fosse	31
9. A tentação de ser feliz	34
10. Prioridades em uma nova escala de valores	37
11. Aprendendo a lidar com a (nossa) imagem de Deus	40
12. Quando orar parece inútil	46
13. Para que serve a solidão?	50
14. Jejum não é (apenas) deixar de comer	54
15. Como não transformar pedras em pães	59

16. A ética da renúncia	64
17. Não abuse das promessas de Deus	69
18. Jesus e as mulheres	74
19. Nem aquém, nem além de Jesus	77
20. Para encontrar o norte	83
21. O cúmulo do contrassenso	86
22. Para pensar bem de Deus	88
23. As nossas decisões e “a vontade de Deus”	91
24. Somos “frutos” e não “obras” do Espírito	95
25. Uma placa de indicação	98
26. Por que desejamos a aprovação dos outros?	101
27. Um caminho, não um acampamento	104
28. Melhor que nada, mas não o suficiente	109
29. O sofrimento como parte da missão	112
30. A troca	115
31. Aprendendo a perder	120
32. Ouvir não é fácil	124
33. A devoção é insubstituível	128
Notas	133



APRESENTAÇÃO A INVERSÃO DO MUNDO

Nem Monge, Nem Executivo é um livro de *meditações*. Sobre a vida e ensino de Jesus Cristo, sobre os Evangelhos. Não são estudos eruditos de cada texto bíblico, nem há esforço de sistematização. O que há é um padrão que fluiu naturalmente quando passei a meditar sobre os Evangelhos: o padrão da *inversão*. Jesus inverte os valores do mundo (uso *mundo* no sentido da sociedade humana caída, organizada sem Deus e contra ele, mesmo em seus momentos religiosos) e nos oferece um mundo invertido, impregnado de outros valores. Esse outro mundo é o reino de Deus.

A batalha pela qual os cristãos devem se interessar, a oposição fundamental, não é igreja *versus* mundo, como se a esfera eclesial estivesse em luta contra as esferas não-eclesiais ou “mundanas”. A verdadeira batalha é reino de Deus *versus* mundo, uma oposição de *lealdades* e de *valores* que atravessa todas as esferas de atividade humana. A batalha pelo reino de

Deus é travada na família, na economia, na política, nas ciências, nas artes... e na igreja. Em todas as esferas, somos convocados por Jesus a dar a nossa lealdade a ele e ao novo esquema que ele representa.

O Jesus que emerge dessas meditações é o Jesus do Credo, divino e humano, mas o lado verdadeiramente humano de Jesus é essencial para esse tipo de meditação. O grande místico inglês do século 14 Walter Hilton afirma: “Abra sua percepção espiritual à humanidade de Cristo. Meditar constantemente na humildade da humanidade de Cristo ajuda a destruir os pecados graves e implantar as virtudes, e leva finalmente à contemplação de Deus... Vista a semelhança de Cristo, ou seja, a humildade e o amor”.

Acredito que a meditação nos Evangelhos se tornou mais importante em nossos dias, quando a fé evangélica se popularizou e perdeu a especificidade. Como diz o monge Zóssima em *Os Irmãos Karamázov*, de Dostoievski, “se não fosse a preciosa imagem de Cristo ante os nossos olhos, estaríamos totalmente perdidos”.

Nas palavras de uma belíssima oração antiga usada antes da leitura das Escrituras:

Senhor, faze brilhar em nossos corações a luz incorrupta do teu divino conhecimento, e abre os olhos da nossa mente à compreensão do teu evangelho. Implanta em nós o temor dos teus mandamentos, para que sigamos um modo espiritual de viver, pensando e fazendo todas as coisas de maneira agradável a ti.

1

DEUS PEDE LICENÇA

SOU SERVA DO SENHOR; QUE ACONTEÇA COMIGO
CONFORME a TUA PALAVRA.

LUCAS 1.38

Quando Deus quis entrar em seu próprio mundo, ele pediu licença. Com jeito e com tato, conseguiu a colaboração de uma pessoa. Tal foi seu respeito pela imagem de si mesmo que havia colocado no mundo que, mesmo na etapa culminante do plano de redenção do universo, ele fez questão de pedir a participação não-forçada de uma das pessoas vivas no momento. Que humildade divina e que dignidade humana! Que Deus tremendo é esse que, com todo o seu poder, escolhe *pedir* ajuda (pois Maria poderia se recusar – Lucas 1.38) até para o seu projeto mais importante. “Com licença”, diz Gabriel, “o criador quer saber se pode entrar no mundo”.

Falamos muito sobre a *soberania de Deus*, o que está muito certo; porém, não costumamos meditar na *maneira como Deus exerce a sua soberania*. Saber que Deus é soberano é um conforto para nós (não vivemos num universo carente de sentido; nosso *status* cristão de filhos adotivos de Deus é garantido por ele; e

assim por diante). Porém, saber como Deus exerce a sua soberania é igualmente importante. Antes do nascimento de Jesus, antes até da sua concepção, sua vida já era marcada pela inversão de papéis. Costumamos falar — corretamente — da humildade de Maria; mas antes devemos falar da humildade do Deus soberano que escolhe se autolimitar, humilhar-se diante da humanidade rebelde e pedir a sua colaboração para entrar no mundo. Não é assim que estamos acostumados; em nosso mundo, as autoridades dificilmente agem dessa forma, mesmo nas chamadas democracias. Deus não baixou uma medida provisória confiscando por nove meses o útero de Maria! Deus não alista Maria para um tempo de serviço obrigatório nas hostes celestiais. Mantenhamos nossa ênfase no poder de Deus; mas ponhamos a mesma ênfase em sua maneira de exercer o poder. Esse é o Deus que deve ser nosso modelo para a igreja e nossa recomendação para a sociedade.

Nas mitologias antigas, bem como no ateísmo moderno, pressupõe-se uma relação de antagonismo entre Deus (caso exista) e os homens. Em boa parte do cristianismo, apresenta-se um Deus todo-poderoso que age *sobre* os homens. Para o seu bem, é verdade, mas independente deles. O Deus bíblico é muito diferente. Cria por amor uma criatura capaz de participar do eterno fluxo de amor entre as três pessoas da Trindade e capaz de representar a Trindade sobre a terra, desenvolvendo em liberdade a potencialidade da criação. Um Deus que respeita tanto a decisão de algumas de suas imagens de não amá-lo que finalmente ratificará essa decisão no dia do juízo, aceitando para sempre uma limitação sobre a sua soberania e o sofrimento de um desejo não-alcançado. Esse é o Deus amoroso, que honra até as últimas consequências a dignidade do homem que ele próprio criou, esvaziando-se de uma parcela de sua soberania. *Esse Deus* é a nossa mensagem e o nosso modelo.

NOS LUGARES MAIS INESPERADOS

DEUS ENVIOU O ANJO GABRIEL a NAZARÉ, CIDADE DA GALILEIA.

LUCAS 1.26

Nosso espanto com esse Deus aumenta quando percebemos quem é o ser humano cuja colaboração Deus solicita. Um João-ninguém, ou melhor, uma Maria-ninguém (pois numa sociedade hierárquica e sexista, abaixo de um João-ninguém, só mesmo uma Maria-ninguém). O versículo de Lucas 1.26 está em paralelo com Lucas 1.5, 2.1 e 3.1, visando situar o registro cronologicamente. Que incongruência!

Nos dias de Herodes, rei da Judeia [...] (1.5).

Naqueles dias, foi publicado um decreto de César Augusto [o imperador de Roma] [...] quando Quirino era governador da Síria (2.1-2).

No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judeia, Herodes, tetrarca da Galileia, seu irmão Filipe, tetrarca da região da Itureia e de Traconítides, e Lisânias, tetrarca de Abilene, sendo sumos sacerdotes Anás e Caifás [...] (3.1-2).

No sexto mês [da gravidez de certa mulher] [...] (1.26).

Com tantos nobres disponíveis, Deus vai à Galileia, periferia de Israel, que já era periferia do império romano — uma região religiosamente negligenciada pela elite de Jerusalém; vai a um povoado desprezado como Nazaré; vai a uma mulher insignificante desse povoado. Num momento histórico preciso, no qual uma determinada mulher está no sexto mês de gravidez e outra mulher está para engravidar, Deus põe em ação seu plano de redenção, sem que o mundo saiba de nada. Isso se pudermos chamar Maria de mulher; pois provavelmente não passava de uma menina de 15 anos (a idade normal para se casar na época).

É a essa menina morena de 15 anos, com forte sotaque caipira, que Deus pede colaboração para se encarnar. Ele não só inverte nossas expectativas a respeito do exercício da soberania, não só se afasta radicalmente de todos os manuais a respeito de como os deuses devem se relacionar com os homens, como também inverte nossas hierarquias sociais, privilegiando como colaboradora em seu projeto mais importante uma adolescente interiorana sem projeção social, que mora na periferia de uma colônia do império.

Esse Deus que inverte nossas expectativas socialmente criadas deve ser nosso consolo e inspiração. Enquanto tantas coisas “importantes” estavam acontecendo no mundo, a ação mais significativa de Deus foi por meio dessa personagem desprezenciosa — e sem que o mundo prestasse atenção. Toda a nossa criação social nos leva a “desprezar as coisas pequenas” e assim deixamos de enxergar onde Deus pode querer agir por nosso intermédio. A reforma da igreja brasileira, tão necessária, pode estar acontecendo mais em minhas orações e pequenos projetos do que nos grandes congressos e sínodos.

Esse Deus não só nos inspira com a sua humildade, como também nos encanta com a sua discrição. As mitologias estão

cheias de histórias de deuses lascivos atraídos por belas mulheres. Não é o caso. A união do divino e do humano apontada pelas mitologias de fato acontece, mas em outras condições. “O poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra” (Lc 1.35). O Deus bíblico não é tomado por uma irresistível paixão por Maria. Nem sabemos se ela era bonita; apenas que, a julgar pela palavra do profeta, Jesus não era: “Não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse” (Is 53.2). A razão para a discrição no relato, evidentemente, não é uma suposta incapacidade da Bíblia de lidar com o belo e o sensual. Pelo contrário; a Bíblia celebra o amor erótico num livro dedicado somente a esse tema (Cantares), com palavras tão diretas que até hoje as versões não são capazes de traduzir literalmente. Porém, é o amor erótico entre os seres humanos, não entre os deuses e os homens, que se celebra na Bíblia. Ao contrário de outras religiões da antiguidade, o sexo é visto na Bíblia como um grande dom de Deus, a ser desfrutado dentro das normas estabelecidas por ele — mas não para ser sacralizado. Não há prostitutas sagradas no culto israelita, nem se imagina que o ato sexual nos coloque em sintonia com forças naturais ou cósmicas. O sexo pertence à nossa condição humana, nesta vida e talvez (por que não?) na vida futura. No entanto, não é um meio de união mística com o criador do universo. Hoje, com o ressurgimento no mundo ocidental de ideias religiosas do antigo paganismo, é necessário recomendar os padrões sexuais bíblicos, lutando em duas frentes: contra a repressão e a desconfiança diante do sexo e contra a sua sacralização.

QUANDO MOSTRAR e QUANDO ESCONDER

[MARIA], AO OUVIR ESTA PALAVRA, PERTURBOU-SE MUITO E PÔS-SE A PENSAR NO QUE SIGNIFICARIA ESTA SAUDAÇÃO.

LUCAS 1.29

Maria ficou perturbada com essas palavras, pensando no que poderia significar esta saudação

Tente imaginar a cena. Maria é uma menina morena de 15 anos, com ares rústicos e sotaque caipira. Quando o anjo Gabriel lhe aparece, ela é tão humilde (e talvez tão criança) que não ousa perguntar o significado (1.29). Seu medo se expressa no silêncio, como costuma acontecer entre populações rurais e socialmente inferiorizadas. Depois do anúncio do anjo, Maria faz apenas uma pergunta antes de dar o consentimento: como ela pode engravidar se não está casada? Ao contrário da pergunta cética de Zacarias (1.18), talvez acompanhada de uma risadinha amarga de autocompaixão, Maria, em sua simplicidade, está apenas maravilhada. Diante da explicação do anjo, ela se coloca à disposição de Deus, talvez com os olhos arregalados e o coração palpitando, mas com a simplicidade da fé.

Não devemos pensar que Maria tivesse entendido tudo. Nós, do outro lado da cruz e da ressurreição, sabemos o que significaria;

mas ela, naquele momento, não. No entanto, sabia o suficiente para perceber que a sua vida nunca mais seria igual e que haveria um preço a pagar. Embora o anúncio do anjo não seja feito em forma de pergunta, tudo indica que a Maria restava a possibilidade da recusa. O diálogo se conclui quando ela diz: “Faça-se em mim segundo a tua palavra”. Maria poderia recusar-se a ser a mãe do Messias.

Meditemos um pouco nas circunstâncias que favoreceriam a recusa. Primeiro, havia muitos pretendentes a messias naquela época, geralmente surgidos do meio camponês. Temos de perceber o contexto social dramático em que Deus escolhe se encarnar. A dominação romana da Palestina iniciou-se com uma conquista violenta em 63 antes de Cristo, seguida pelo governo tirânico dos reis títeres Herodes e de seus filhos, e a partir de 6 depois de Cristo, pelo governo direto da Judeia (a região sul da Palestina) por parte de Roma.

Significativamente, o período [neotestamentário][...] é pontuado por grandes revoltas camponesas: as explosões após a morte de Herodes em 4 antes de Cristo, a rebelião massiva contra Roma em 66-70 depois de Cristo [...] e outra revolta em 132-135.

Na conquista inicial, e particularmente nas reconquistas subsequentes, os romanos trataram os habitantes com brutalidade para induzi-los à submissão. Repetidamente, os exércitos romanos queimaram e destruíram completamente cidades, massacrando, crucificando ou escravizando populações inteiras [...]. Em um caso, pelo mero atraso em pagar uma leva extraordinária de impostos [...]. [Em outra ocasião] os rebeldes capturados foram crucificados – em número de aproximadamente 2 mil.

[No momento em que o anjo apareceu a Maria em Nazaré, o rei da Palestina era Herodes, um rei títere dos romanos.] Seu nome entrou nas tradições judaica e cristã como símbolo da tirania opressora. De 37 a 4 antes de Cristo [Jesus nasceu provavelmente entre 8 e 6 a.C.] ele manteve um controle rígido sobre o povo por

meio de mercenários estrangeiros [...], uma cadeia de fortalezas [...], e um serviço secreto de informantes [...]. Colocou um fardo enorme de impostos sobre os camponeses judeus.

[Herodes] proibiu ajuntamentos públicos, andar em grupos ou qualquer vida comunitária normal; todas as atividades eram vigiadas [...]. Quando Herodes morreu em 4 antes de Cristo, a insatisfação profunda explodiu [...] em revoltas populares espontâneas em todos os distritos do reino. [Na Páscoa do ano 4 a.C., Arquileu, o filho de Herodes, para silenciar os protestos em Jerusalém, matou 3 mil pessoas.] Logo em seguida, movimentos messiânicos populares se formaram em todos os distritos principais da Palestina judaica.¹

Movimentos messiânicos eram parte da tradição cultural baseada nas Escrituras; uma das formas concretas que a agitação social assumia na época. O *messias* (ou Cristo, em grego) era o *ungido*, um líder popular, geralmente de origem camponesa, com um grupo de seguidores que o proclamavam rei.

Enquanto grupos letrados produziam imagens de vários agentes de redenção, o povo comum produzia várias figuras concretas e movimentos que ativamente buscavam a sua própria libertação.²

É nesse contexto que Maria aceita ser a mãe do Messias! É verdade que ele seria um messias diferente dos outros; mas nem por isso deixou de sofrer o mesmo destino sangrento. Mesmo antes da terrível profecia de Simeão (“uma espada traspassará a tua alma”, Lc 2.35), Maria não poderia ignorar as implicações, como mostra seu cântico em Lucas 1.46-55. O Messias não era, nem no anúncio do anjo, no cântico de Maria, nem nas palavras de Simeão, uma pacata figura religiosa. Naquele contexto histórico, ser mãe de um messias estava longe de ser uma vocação invejável.